

O FIGUEIROENSE

ÓRGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DO CONCELHO DE FIGUEIRO DOS VINHOS

PROPRIEDADE DO CENTRO REPUBLICANO CINCO DE OUTUBRO

Director e Administrador
Arthur de Paiva Furtado

ASSIGNATURAS

| | |
|---------------|------|
| Um anno | 1820 |
| Seis mezes | 960 |
| Brazil, anno | 2800 |
| Africa, anno | 1820 |
| Numero a rule | 500 |

Annunciam-se as obras das quaes se recebe um exemplar

Publica-se aos sabbados

Administração, composição e impressão na typographia de

CENTRO REPUBLICANO

Rua da Agua — FIGUEIRO DOS VINHOS

PUBLICAÇÕES E ANNUNCIOS

Preços convencionaes

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director. Originaes sejam ou não publicadas não se restituem. Annuncios permanentes e communicados preços convencionaes

O "MUNDO,"

E AS

CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS

O estridente mas já estafado grito de Gambetta—*le clericalisme, voila l'ennemi*, passou já, gastou-se, de quebrada em quebrada, de colina em colina—e lá foi. Teve o seu momento, teve a sua aura, teve a sua justificação. Repelil-o hoje é uma irrisão—ou mentalidade de pèga. *O Mundo*, n'uma prosa empoeirada, contrafeita, com todo o ar de ter sido tirada dos archivos,—volta á carga. Esquece-se simplesmente de que os tempos mudam e de que as proprias cargas de cavallaria, á Detaille cederam a vez ás azas inquietas dos «as», á Simont.

O Mundo está fazendo uma campanha á sobreposse, como quem bebe agua não tendo sede, como quem grita alto não tendo razão.

Abram-se todos os jornaes de Lisboa. Em nenhum d'elles, do editorial ao caso da rua, do simples eco ao noticiario de polpa, transparece a minima preoccupação, o menor receio, a mais ligi-rra sombra de attitude—ante esse espantallo que o orgão dos democraticos pretende collocar, grotesco e vigilante, a guardar a seara gafa dos seus pseudo-ideaes. Já não atemorisa ninguem que viva n'este anno de graça de mil novecentos e dezoito, quando, lá fóra, aos exercitos-tigres está entregue a resolução dos maiores problemas sociaes. Creiamol-o. Não será com o giz nem com a pena que serão resolvidos, mas á ponta de bayoneta—para empregar á velha imagem romantica.

E' isto afirmar que o mundo vae depender do direito da Força? Não. A guerra é uma eclosão de ideaes, sementeos antes d'ella. Esses ideaes, numerados e fardados, fardados, disciplinados, encontram-se frente a frente. Revolvem-se, rolam, tumultuam. Não é facil distinguir qual o mais forte. Vencerá—aquelle que vencer. O exercito que triumphar será aquelle que tiver uma reserva de ideal e uma retaguarda de pensamento, mais alto e mais profundo.

E a todo este tremendo *boulevardement* de valcres moraes, in-

telectuaes, politicos, religiosos, pretende *O Mundo* substituir-se. Ninguem tenta, n'este colapso, resolver, ou abordar sequer, qualquer d'esses problemas. *O Mundo*, com a inconsciencia que o caracteriza, não hesita—e dá o seu veto. Desde esse momento a balança inclinou-se seriamente...

Mas não, *O Mundo*, pobre de elle, não pretende nada d'isso. Por inferior, por estulto, por ingenuo, que esse ponto de vista fosse—era ainda elevado de mais para elle. O orgão democratico não vae tão longe. Elle agarra-se—com uma inhabilidade pasmosa, de resto,—á questão religiosa como ao canhamo podre d'um sino onde possa tocar a rebate. Serve-lhe para atacar o Governo, serve-lhe para atacar a Revolução, serve-lhe para atacar a Republica. Não tem outros ideaes, nem outros principios, nem outras normas. E' uma campanha que falha, como tantas outras, como quasi todas as do *Mundo*. Claro. Enferma do mesmo mal que a outra, a eternamente projectada e eternamente adiada, esta ridicula revolução de letra de fórmula. No mundo animal como no mundo da politica, sem atmosfera não ha organismo que resista. E os democraticos realisaram, á sua roda, um vacuo mais perfeito do que aquele que separa dois astros. Por isso as suas marteladas não se ouvem, os seus gritos não eccam, os seus pulos não produzem ruido. E' o vacuo, o irremediavel vacuo, que elles fizeram em seu torno, talvez por terem—aspirado demais.

A questão religiosa não existe, hoje, em Portugal. Havia arestas na lei da Separação. Puliram-se. Havia intransigencias de interpretação. Abrandaram-se. Havia auctoridades casmurras. Demitiram-se.

Hoje, a questão religiosa, que é uma especie de boneco de cêra, para collocar ao lado do perigo monarchico,—tem o sêlo do

mesmo fabricante—está n'este pé: ha um paiz, de longa tradição catholica, que hoje a continúa mais por habito adquirido de que por integração espiritual e que não exige senão que lh'a consintam e, mais ainda, que lh'a respeitem. Partindo do principio de que o paiz não está infestado de Buchners e Felix Le Dantecs, raros são aquelles que estão em rigorosa discordancia com esse inofensivo estado de espirito.

A transigencia é uma linda flor e é com transigencias que os ideaes se nobilitam. Hoje, mais do que nunca, ninguem, que a obsecação não turve está disposto a pensar de maneira differente. A liberdade não é, afinal, como pretende o sr. Maurras, uma visã metafisica e o momento é excellentemente para gosar d'ella—que os dias vão lindos e as almas serenas.

Mas tudo isto nasceu da visita do nuncio Ragonesi a Lisboa, n'uma missão perfeitamente clara, sem nada d'aquelle caracter tetrico e sombrio que *O Mundo* desejaria para bom exito da sua especulação. A Republica Nova, como tal com festo nas calças e gola escovada, quer ser, primeiro que tudo—delicada. Depois, quer ser—preoccupação que nunca atormentou a «velha»—sensa-ta. E a delicadeza manda que entendamos o mais possivel a nosa diplomacia. E o senso indica que um paiz catholico tenha a sua representação junto do Pontifice. O sr. Ragonesi foi recebido como era justo que o fosse. O ministro que Portugal enviar—se o facto se der—será recebido, por certo, egualmente.

Representantes junto do Vaticano tem-nos toda a Europa catholica; tem-no a Alemanha protestante, a Inglaterra protestante, embora sem esperanza de reciprocidade. E para provar que tal noção de politica não está em belligerancia com os principios democraticos, ahí estão as republicas sul-americanas. A propria França, eivada ainda de jacobinismos estereis, alcançou uma plataforma—entregou á sua aliada d'além Mancha os seus negocios ecclesiasticos exteriores.

Portugal segue-lhes na esteira—e era tempo. A Republica Nova está disposta a attingir o maximo da Democracia com o maximo da tolerancia, custe o que custar ao *Mundo*—a quem nem uma nem outra convêm.

A questão religiosa! Decidida-

mente, o *Mundo* não tem geito nenhum para fazer blagues.

(D'A Situação)

C. R.

FACTOS E OCCORRENCIAS

O milho

Os pasquinhos lá vinham a semana passada com uma sucia de mentiras a respeito do milho.

Os verdadeiros culpados da demora que houve na sua chegada aqui foram elles e os seus correlligionarios, que andaram a fomentar greves, as quaes se estenderam aos carregadores do Caminho de Ferro, causa unica da demora. Emquanto ao preço da venda, não sabem os mentirosos que ha quebras e que ha despezas varias e que o preço porque se está vendendo é o mesmo porque se vende em Pombal, onde não ha as despezas de transportes que ha para aqui. Com que então d'aqui para a Castanheira o frete custa 100 réis?

Custava, custava, se fossem vocês que administrassem..., porque as contas seriam como é costume, de grande capitão..., assim á moda das feitas em certas limandades...

Sahida de generos

Escreve a União: «Em pleno dia e nas barbas da auctoridade, sahiram carradas de batatas, etc.»...

Fngiu-lhes a penna para a verdade, pois, no seu consulado, sahiram batatas á larga e faziam-se varios combalachos...

Com effeito, o digno administrador do concelho deve tomar providencias, não só no que respeita á sahida de generos, mas tambem ao preço dos que entram... e que estão regulados no decreto dos açambarcadores...

Passal de Arega

Apareceram por ahí, distribuidos clandestinamente, mas cuja origem é bem conhecida, pois, pelo dedo, se conhece o gigante, uns pasquins em que falsamente se afirma que a actual commissão da Junta de Freguezia d'Areaga vae vender o Passal, onde estava destinado fazerem-se as escolas dos dois sexos.

Os auctores da infamia, servin-

dô-se do anonymato, lançam estes boatos, julgando que assim pescam nas aguas turvas, mas, coitados, o povo já os conhece de sobejo e, quando elles dizem que é, o povo diz logo que não é.

O que ha, ao que nos consta, é que a zelosa commissão, notando que as escolas ali construidas não favoreciam a causa da instrucção, visto ficarem rodeadas de tabernas e muito proximas da torra da Igreja, cujos sinos prejudicariam a ação dos professores, anda por isso, tratando de fazer uma troca de terreno em local mais apropriado e cujo valor não seja inferior ao do Passal, incluindo as despesas já feitas para a construcção das escolas.

Calumniando ás claras, mentindo ás escondidas é a profissão d'elles. P.

O que valle é que o seu descredito é completo e absoluto e o novo, se os tolera, é porque é naturalmente generoso e inclinado ao pedão.

Em todo o caso, tomem juizo e não apertem a corda de mais...

AGRADECIMENTO

Antonio Simões Rosa, vem por este meio protestar o seu reconhecimento a todas as pessoas amigas que se interessaram pelas melhoras de sua esposa, visitando ou mandando saber do seu estado, já que a grave doença o obrigando a fazer pessoalmente, obrigando a urgente tratamento na capital.

Uma indignidade!

Sob esta epigraphe, o nosso presado colega, A Situação levanta o seu grito de justificada revolta, nos seguintes termos, contra essa caterva de bandidos que de portuguezes só tem o nome e que, sem illustração e sem educação, pretendem enlamear toda a gente de bem, sem escapar ao seu odio esverdeado o proprio Presidente da Republica, que é o Primeiro Magistrado da Nação, da qual se dizem filhos:

«É espantosa de indignidade a linguagem de certos jornaes ao referirem-se ao sr. Presidente da Republica. Não sabemos—nem queremos saber—das ideias que alimentam acerca da sua obra. O que sabemos é que ninguem, mesmo na qualidade de acerrimo inimigo, tem o direito de se dirigir ao Primeiro Magistrado da Nação, que é, além d'isso o homem mais querido de Portugal.

Jornalistas de papelão—e papelão humedecido—que seriam incapazes de se defrontar com Sua Excellencia, de arma na mão na noite tragica da Rotunda—atrevem-se agora, do seu canto commode, da sua catapulta de lona, do seu balcão, a insultar, quem, de tão alto os não ouve. Nós é que, porém, não podemos ficar indifferentes a essa campanha

de indignidades, que é, tambem, de cobardia.

Aproveitar se do jornalismo e das suas imunidades para insultar, atirar pedras que elles julgam balas ou poeira, que o vento ricocheteia mas que elles julgam lama, a quem lhes não vae pedir contas—é tão incorreto, tão baixo e tão vil, que se não pôde classificar.

Que tudo isto que ahi fica é pouco.

O sr. Presidente da Republica é hoje—repetimol-o—a figura mais querida de Portugal. Deve ser tambem a mais respeitada. Discorde-se da sua politica. Discutam-se os seus actos. Aponthem-se os seus erros. O que ninguem tem é o direito de duvidar do seu purissimo patriotismo, do seu generoso coração, das suas perfectas intenções, da sua energia e da sua coragem, da sua sinceridade e da sua honestidade, do seu republicanismo e da sua intelligencia. Que mais razões, que mais requisitos são necessarios para que seja, ao menos, respeitado pelos seus inimigos, tanto como é amado pelos seus amigos? Os seus amigos, que, como Sua Excellencia disse n'um dos seus discursos—sômos todos nós, todos nós, os portuguezes?

É necessario por ponto n'essa campanha, a fim de evitar que tomemos uma attitude correspondente, nós que, inspirados pela correcção e pela lhaneza do sr. dr. Sidonio Paes, procuramos, ser correctos e lhãos tanto quanto é possivel n'esta terra tão impregnada de radicados habitos de jornalista de esquina. Tão de equina, tão frete, tão incorreto que os novos que aqui fazem jornalismo se espantam e os mais velhos ainda encontram indignações.

FALECIMENTO

Está de lucto o nosso presado amigo Francisco Rodrigues Ferreira, honrado e bemquisto commerciante da nossa praça, bem como sua virtuosa esposa. Morreu-lhes, na passada segunda-feira, quando regressavam da Figueira da Foz, a sua encantadora fillinha Cezaltina Diniz Ferreira, que contava apenas seis annos e que era o enlevo dos paes, que lhe consagravam o melhor do seu elevado amor de paes extremosissimos. A desditosa creança fôra levada a Coimbra para ser observada pelos mestres da medecina, sem que nada deixasse antever o seu desenlace e, quando regressava, deu o ultimo suspiro na Ribeira d'Alge, deixando os amantissimos paes mergulhados na mais crueante dor.

O seu enterro foi uma grandiosa manifestação de sentimento, vendo-se representadas todas as classes sociaes, principalmente a Commercial, que fechoz os seus estabelecimentos.

Ao nosso presado amigo Francisco Rodrigues Ferreira e a sua ex.ª esposa apresentamos a expressão deveras sincera das nossas condolencias.

Carreira de Pombal, Ansião e Figueiró dos Vinhas

QUARTAS E SABBADOS (Ida e volta no mesmo dia)

Muda de gado em Ansião

Qualquer passageiro tem direito a 15 kilos de bagagem gratis, pagando pelo excesso \$02,7 por kilo.

PRÇOS DA CARREIRA

| | |
|-------------------------|-------|
| Pombal a Ansião. | 1\$00 |
| Pombal a Figueiró . . . | 2\$00 |
| Ida e volta | 3\$50 |

Joaquim Ferreira Damasco
Jossé Gomes da Silva

Annuncio

2.ª publicação

Serviço de correição

O dr. Elisio Ferreira de Lima e Sousa, Juiz de Direito da comarca de Figueiró dos Vinhos:

Faço publico que por despacho de Sua Excellencia o Senhor Presidente da Relação d'este districto, foi prorogado por mais 25 dias o praso durante o qual se ha de proceder á correição dos funcionarios judiciaes d'esta comarca.

São, portanto, novamente convidadas todas as pessoas que tenham queixas a fazer contra os mesmos funcionarios a apresental-as ao Juiz da comarca, até ao fim do novo praso.

Figueiró dos Vinhos, 29 de junho de 1918. E eu Alfredo Simões Pimenta, escrivão, que o escrevi.

O Juiz de Direito,

Elisio Ferreira de Lima e Sousa

O escrivão do 2.º officio

Alfredo Simões Pimenta

Annuncio

2.ª publicação

NA comarca de Figueiró dos Vinhos e pe- lo cartorio do 3.º officio, a requerimento de D. Maria da Soledade Correia Teles Diniz, da Castanheira de Pera, foi por meio de notificação judicial, revogado o mandato que ella conferira a seu marido, dr. Mannel Diniz Henriques, em todas as proçurações que lhe tivesse passado.

Figueiró dos Vinhos, 28 de junho de 1918.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Elisio de Lima

Annuncio

2.ª publicação

NA comarca de Figueiró dos Vinhos e pelo cartorio do 3.º officio, a requerimento de D. Maria da Soledade Correia Teles Diniz, da Castanheira de Pera, por meio de notificação judicial, foi revogado o mandato que ella com seu marido o dr. Manuel Diniz Henriques, conferiu aos advogados dr. Mario Guimarães Cid das Neves e Castro, de Figueiró dos Vinhos, e dr. Manuel Henriques Serrano, de Lisboa, quer por procuração quer por substabelecimento.

Figueiró dos Vinhos, 28 de junho de 1918.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

Elisio de Lima

Annuncio

2.ª publicação

NA comarca de Figueiró dos Vinhos, cartorio do 3.º officio e no inventariô orfanologica por obitio de Sebastião Dias, que foi do logar do Chaveirão, correm editas de 30 dias, citando para todos os termos até final do mesmo, o interessado ausente em parte incerta, Venancio Dias Cse- lho.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

Elisio de Lima

O escrivão

Elisio Nunes de Carvalho

Ferro suecio em barra

Para enxadas, sachos e fer- raduras, em boas condições de preço 1:000 kilos ou mais, to- do junto ou separado vende.

Jeronymo R. Pinhão

Figueiró dos Vinhos

Madeira de castanho

Vende-se grande quantidade para apanha—Mr. ue Si- mões Pires—Ponte do S. João.